

## REDES SOCIAIS VIRTUAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DE APRENDIZAGEM.

Mariane Denise Martins<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer uma contribuição para o campo educacional através da reflexão sobre as redes sociais como lugar de aprendizagem. O trabalho foi feito através de uma pesquisa bibliográfica e se justifica pela ascendência das redes sociais e a dificuldade de compreender estes espaços como espaços pedagógicos. Como resultados, percebo a necessidade de reflexão do paradigma moderno de educação, onde o processo de aprendizagem efetivo, só é possível a partir do encontro presencial no “lugar” sala de aula. No entanto, as redes sociais, se apresentam hoje como um dos principais espaços de expressão e informação da sociedade. Neste sentido, elas poderiam se consolidar como espaços de aprendizagem, na medida que possibilitam, interação, discussão, e mobilização de pensamentos e reflexões a partir de uma intencionalidade, isto é, não é um processo espontâneo, mas mobilizado.

**Palavras chaves: Aprendizagem; Lugar; Rede social; Educação.**

### 1. Introdução

Ao pensar em educação, e processos de aprendizagem, imediatamente penso em uma escola, salas de aula, mesas, alunos e professores. Este modelo clássico da educação moderna, faz parte do imaginário social e foi constituído por muitos anos.

Na sociedade de informações, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), repercutem um impacto grande nesta realidade que reflete este imaginário. A crise vivida pela educação, reflete também este impacto. Neste contexto, os processos de aprendizado começam a sair do espaço convencional e passam a acontecer em ambientes virtuais.

Apesar da educação a distância não ser um elemento novo da história da educação, as TIC refletiram um aumento muito grande de possibilidades pedagógicas, especialmente a partir da interatividade. O impacto nesta modalidade também foi quantitativo, na medida que o número de alunos aumentou significativamente nos últimos anos, segundo INEP<sup>2</sup>, o número de alunos de curso superior da educação a distância cresceu 3,6% entre os anos de 2012 e 2013. Esta realidade exigiu ou está exigindo, reflexões a respeito do processo de aprendizagem, que

---

<sup>1</sup> Bacharel em Sociologia e Administração e Mestranda de curso de Pós Graduação de Educação nas Ciências na UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – maricomunica@yahoo.com.br

<sup>2</sup>[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/apresentacao/2014/coletiva\\_censo\\_superior\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf)

sai da sala de aula presencial, num primeiro momento para a sala de aula virtual da educação a distância.

Neste sentido, a discussão do “lugar” de aprendizagem é uma discussão extremamente atual, pois, enquanto o paradigma educacional remete à sala de aula, a nova geração está cada vez mais conectada em redes sociais virtuais. Inclusive, muitas vezes, mesmo estando em salas de aula, alunos se encontram mais presentes e participantes nas redes sociais. Essa realidade aponta para a necessidade de reflexão que vai além da sala de aula virtual. Se os alunos estão nas redes sociais, não seria ali também um espaço de educação e aprendizagem?

Aliado a isso, a sociedade acompanha um momento onde as redes sociais, além de serem espaços de simples interações sociais, são espaços de mobilização e organização, a exemplo das mobilizações de julho de 2013<sup>3</sup>. Apesar de se tratar de fenômenos relativamente recentes, precisam ser mais refletidos, pois, pouco se sabe qual o rumo que estes espaços podem tomar tanto do ponto de vista da educação, quanto do ponto de vista da organização social. O certo, é que o “lugar” da rede social, já se mostrou capaz de fazer grandes mobilizações e deixou de ser um simples espaço de troca de informações corriqueiras.

A partir deste contexto, este artigo, tem como objetivo trazer para o campo educacional a reflexão do lugar de aprendizagem. A discussão busca definir o que foi sendo constituído culturalmente como espaço de aprendizagem, desde a escola, até a educação a distância. Em seguida, traz um pequeno contorno do entendimento de aprendizagem, para que se compreenda, a partir de que entendimento reflito. Por fim, trago a definição de rede social e algumas provocações deste espaço, como possibilidade de lugar de aprendizagem. Trata-se de uma discussão inicial, construída a partir de uma pesquisa bibliográfica.

Para além da formalidade dos espaços de ambientes virtuais constituídos e planejados a partir de uma instituição, como uma Universidade, na educação a distância por exemplo, as redes sociais, podem se constituir também como espaços de aprendizagem, a partir de uma intencionalidade ou mobilização.

## **2. Resultados**

Os resultados da pesquisa, ainda que precisem de mais aprofundamento, pois tratam de uma reflexão inicial, apontam para a necessidade de discutir a partir do nosso contexto social, cultural e tecnológico, a educação e os processos de aprendizagem. Um dos eixos a partir do

---

<sup>3</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos\\_no\\_Brasil\\_em\\_2013](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013)

qual estou propondo para esta discussão é o lugar de aprendizagem. Nossos paradigmas educacionais, são baseados na sociedade moderna em princípios de tempo e presencialidade, estes devem ser resignificados a partir da introdução das TICs na educação.

As redes sociais são hoje espaços de interação, comunicação e informação. É necessário pensar também, estes espaços como lugares de aprendizagem, já que são parte da cultura da sociedade de informação. Esta reflexão deve ser desprovida de pré-julgamentos e precisa ser encarada pelos teóricos da educação, como uma possibilidade concreta atual.

### **3. Discussão**

O caminho reflexivo deste artigo inicia a partir da concepção moderna de educação e conseqüentemente de um entendimento de aprendizagem que compreende uma discussão de tempo e lugar, (enquanto espaço geográfico), definidos e compartilhados por professores e alunos.

A partir do desenvolvimento das tecnologias, especialmente das TICs, a educação passou por uma série de mudanças efetivas. O computador, aparelhos eletrônicos, e as próprias redes sociais, são introduzidas no universo da educacional. No entanto, ainda há dificuldade de compreender este momento da educação. Professores e alunos ainda tem dificuldades de operar nesta nova realidade. Também, há por parte de alguns teóricos, uma resistência em aceitar e refletir sobre este fenômeno social.

Para compreender melhor, introduzo a discussão a partir dos lugares de aprendizagem desenvolvidos na modernidade, até a educação a distância.

#### **3.1 O lugar da aprendizagem – da sala de aula presencial à virtual.**

A escola, continua sendo a principal referência de aprendizagem para a sociedade. Isso porque o lugar e o tempo, são marcos da escola moderna e conseqüentemente vão fazer parte do imaginário sobre educação.

Tardif e Lessar, dois importantes autores das temáticas educacionais, vão definir a escola moderna como “um espaço social autônomo, fechado e separado do ambiente comunitário e dentro do qual as crianças são submetidas a um longo processo de aprendizagem” (TARDIF; LESSARD 2005, p 57). Neste espaço bem definido, não só as crianças, mas

adolescentes e até adultos, na graduação e pós graduação, constitui o entendimento de espaço de aprendizado.

No entanto, se introduzir o conceito de educação a distância, apesar desta marcar as mesmas referências, como espaço e tempo, haverá uma diferenciação significativa, que interessa para esta reflexão.

Para Maia e Mattar (2007 p. 6) em seu livro ABC da EaD, “A EaD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação”. No texto, os autores exploram cada elemento que compõe a definição. Em relação a separação do espaço, se referem à separação geográfica entre professor e aluno, enfatizando que não é só em sala de aula que se aprende (MAIA; MATTAR, 2007).

Ao marcar esta diferença fundamental, em relação ao lugar de aprendizagem que resignifica, na atualidade, a discussão da educação, remeto-me a Peters, (2004), segundo ele, é preciso estudar mais sobre os espaços de aprendizagem, além do rompimento com o modelo tradicional, há elementos psicológicos no processo, pois,

O principal propósito dos espaços reais de aprendizagem, a reunião de professor e aluno, fica sem sentido. A esfera ilimitada, incompreensível, por trás da tela do monitor se espalha além de todos os locais de aprendizagem que conhecemos e pode abarcar o mundo, e até o cosmo. O tempo e os locais não são fixos. Este espaço inimaginável não é fechado, protegido, pessoas e objetos não são relativamente fixos, mas, pelo contrário, efêmeros e transitórios. Transforma-se frequentemente e rapidamente. Flutuam. Não há qualquer ambiente real com o qual os estudantes possam interagir e estabelecer relacionamento. (PETERS, 2004, p.152).

A partir deste entendimento, é necessário compreender a realidade educacional, social e cultural, para além de ambientes de aprendizagem definidos, como sala de aula virtual. Outros espaços, como as redes sociais, apresentam-se como espaços de informação, de comunicação e podem ser apresentados, também, como espaços de aprendizagem.

### **3.2 As redes sociais: espaços de encontros, informações e aprendizagem**

A discussão de aprendizagem é muito ampla e complexa, faz parte dos elementos integrantes da teoria da educação. Neste momento, depois de falar sobre o lugar onde ela acontece, cabe delinear o que estou compreendendo como aprendizagem. Posteriormente, falarei sobre as possibilidades configuradas, a partir de nossa sociedade de informações, com o

desenvolvimento da tecnologia, que nos proporciona experiências diferentes das entendidas até então na sala de aula virtual ou presencial: as redes sociais.

Como aprendizagem, estou compreendendo um processo complexo, que extrapola as teorias fechadas, constituídas até então. Como não é o objetivo, aprofundar a discussão do conceito, neste momento, trago as ideias de Pozo, que estipula três características para a aprendizagem: uma mudança duradoura de entendimento sobre determinado tema; a possibilidade de transferir um entendimento sobre determinado tema para outra situação; uma mudança a partir de uma prática realizada, incluindo uma prática reflexiva (POZO, 2002).

É a partir destes contornos, que vou desenvolver a reflexão da possibilidade de compreender a aprendizagem em um lugar diferente: as redes sociais.

Redes sociais, segundo Marteleto (2001, p.72), representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”.

Ainda para as autoras Tomaél, Alcará e Chiara, (2005, p. 94), a rede “é uma estrutura não-linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação”. Além disto, estas autoras lembram dos diferentes recursos que as redes sociais apoiadas por computadores podem utilizar: e-mails, fóruns, listas de discussão, sistemas de boletins eletrônicos, grupos de notícias, Chats, Softwares Sociais, como Facebook, etc. (TOMAÉL; ALCARÁ; CHIARA, 2005). É importante destacar que, neste caso, estou me referindo ao contexto virtual, no entanto, as redes sociais podem ser estabelecidas fora deste ambiente.

Quando discuto aprendizagem, estou falando de saberes, que são construídos, resignificados, e/ou transmitidos. Neste sentido, retomo rapidamente a ideia da modernidade que instituiu a partir da ciência, a possibilidade de um saber verdadeiro e absoluto. A complexidade da sociedade atual, já deixou claro que isso não é possível, e talvez este seja mais um elemento da crise da educação.

Então, se partir deste entendimento de rede social como flexível e dinâmica, fica impossível pensar aprendizagem, entendendo o conhecimento como absoluto. Neste sentido, Pozo (2002, p. 29) aponta,

Perdemos esse centro que constituía a certeza de possuir um saber verdadeiro, e especialmente com a ciência probabilística do século XX, devemos aprender a conviver com saberes relativos parciais, fragmentos de conhecimentos, que substituem as verdades absolutas de antigamente e que requerem uma contínua reconstrução ou integração.

As redes sociais virtuais, trouxeram possibilidades de relações humanas globais. A contínua reconstrução e integração de conhecimentos, poderiam ser pensadas a partir destes espaços virtuais, deste lugar que se tornou global.

Castells, um cientista espanhol que tem se debruçado para estudar as redes, em seu livro “A sociedade em rede” (1999), busca uma reflexão profunda no sentido de entender estes espaços na sociedade, que são constituídos na sociedade a muito tempo, e potencializadas pelas tecnologias. Neste livro, o autor conclui:

como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação, estão cada vez mais organizados em torno de redes. Rede constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. (CASTELLS, 1999, p. 497)

Se as redes constituem nossa nova morfologia e modificam nossa cultura, conforme afirma Castells, parece bastante pertinente discutir as redes sociais virtuais, como um novo elemento da educação. Elas podem se constituir como espaços de aprendizagem, na medida que são usadas como meio de troca de informações e acima de tudo, reflexão.

Compreendendo que as redes sociais possibilitam uma interação e que é possível a reflexão, a partir de uma intenção mobilizadora, as reflexões destes espaços, podem, assim como é possível nas comunidades virtuais de aprendizagem de instituições de ensino, se tornar aprendizado. Os entendimentos constituídos nestes espaços, podem sofrer modificações duradouras e podem ser elementos situados em contextos diferentes. Afinal, seria bastante ingênuo pensar que as mobilizações de julho de 2013, mesmo para quem acompanhou só pelas redes sociais, não mobilizou nenhum tipo de aprendizagem político social.

#### **4. Considerações finais**

A primeira consideração a ser feita, neste momento, é que esta discussão, deste ponto de vista, começa aqui, e está longe de ser concluída. Se faz necessário aprofundar as discussões de lugar, que pode ser feita com a “teoria social do espaço”, a partir de Castells (1999), este autor discute os novos espaços que vão além do físico e geográfico. A própria discussão de rede social, precisa ser aprofundada, para se compreender melhor este espaço e especialmente, compreender esta possibilidade de aproximação com a educação.

Neste artigo, busquei propor as redes sociais virtuais como espaços de aprendizagem. A tradição cultural e social identifica a necessidade de uma sala de aula e um espaço presencial onde o professor mobiliza a aprendizagem do aluno, ao mesmo tempo. Acontece que cada vez mais vejo alunos presentes fisicamente em sala de aula mas, de maneira efetiva, eles se encontram nas redes sociais virtuais. Desta maneira, professores disputam a atenção do aluno e muitas vezes, nesta disputa, ocorre a espetacularização da aula, o que não garante o aprendizado, apesar de muitos pensarem que o contrário.

As redes sociais virtuais, são culturalmente recentes, não há como saber como operar nesta realidade. As tecnologias nas salas de aula, nas mãos dos alunos, são fatos históricos de menos de dez anos. Neste sentido esta dificuldade de operar na sua função, não é apenas dos professores, os alunos também não sabem ao certo como “serem alunos” nestes dias atuais.

Portanto, longe de fazer qualquer afirmação, este artigo busca provocar a reflexão sobre o lugar de aprendizagem, trazendo as redes sociais, como uma realidade que não pode ser mais ignorada.

É necessário se debruçar nesta discussão, a possibilidade de desencadeamento de aprendizagem num “outro lugar” que não a sala de aula formal, deve ser considerada de forma séria. Não há como saber exatamente o que isso significará futuramente, mas ao não ignorar este fenômeno e refletir sobre ele, a sociedade pode fazer algumas proposições mais concretas que podem significar uma qualidade nas discussões futuras de aprendizagem.

Além disso, é necessário destacar, que as redes sociais virtuais são globais, isso possibilitaria do ponto de vista da aprendizagem, uma complexidade de elementos que poderiam ser enriquecedores, mobilizadores e integradores de saberes e culturas muito diferentes.

## 5. Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: o Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1, 3a. Editora São Paulo, Paz e Terra, 1999.

LORENZO, Eder Maia. A Utilização das Redes Sociais na Educação: A Importância das Redes Sociais na Educação. 3 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2013.126p.

MACHADO; J. R. TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. Novas Tecnologias na Educação. CINTED, UFRGS. V. 3 Nº 1, Maio, 2005. Disponível em: <[http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37\\_redessociaisvirtuais.pdf](http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2015.

V. 4 Nº 1 Novembro, 2015

- MAIA, C; MATTAR, J. A BC da EaD. 1º ed, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- MORAN, José Manuel. Internet no Ensino Universitário: Pesquisa e Comunicação na sala de aula. Botucatu, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v2n3/10.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.
- PETERS, O. A Educação a Distância em Transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- POZO, J.I. Aprendizes e mestres: a nova cultura de aprendizagem. Porto Alegre: Arned Editora, 2002.
- TARDIF, M; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petropolis: Vozes, 2005.
- TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R; CHIARA, I. G. Di. Das redes sociais à inovação. Ciência da Informação. On-line version. Ci. Inf. vol.34 no.2 Brasília May/Aug. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2015.